



BAGNO, M.; CASSEB-GALVÃO, V.; REZENDE, T. F. *Dinâmicas funcionais da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

UMA RESENHA DE “DINÂMICAS FUNCIONAIS DA MUDANÇA LINGUÍSTICA”

Dennis **CASTANHEIRA**¹
Raquel Cardoso **BRITO**²

Os estudos linguísticos têm dedicado especial atenção nos últimos anos às investigações acerca de fenômenos ligados à mudança à luz de, ao menos, três abordagens teórico-metodológicas: sociolinguística, gerativismo e funcionalismo. A obra aqui resenhada, *Dinâmicas funcionais da mudança linguística*, tem como objetivo geral discutir em que medida a linguística de vertente funcionalista pode contribuir para os estudos de mudança, apresentando evidências para a existência de um português brasileiro.

Lançada pela Parábola Editorial, tradicional editora na área de estudos do livro, em 2017, a obra é organizada pelos pesquisadores Marcos Bagno, Vânia Casseb-Galvão e Tânia Ferreira Rezende e escrita, também, pelos professores Roberto Gomes Camacho, Edair Maria Görsky, Maria Alice Tavares, Sebastião Carlos Leite Gonçalves, Jussara Abraçado, Nilza Barroso Dias, Maria Célia Lima-Hernandes, Marcos Luiz Wiedemer e Sinval Martins de Sousa Filho. Sua distribuição ocorre em sete capítulos organizados da seguinte forma: um capítulo teórico sobre mudança linguística, cinco estudos de caso e um capítulo com a tradução de um texto de Michael Tomasello sobre aquisição de linguagem. Ao longo desta resenha, analisaremos, capítulo a capítulo, a obra de forma crítica, ressaltando pontos positivos e negativos dessa publicação.

No capítulo um da obra, denominado “Mudança linguística”, Marcos Bagno e Vânia Casseb-Galvão discutem como é desenvolvida a noção de mudança a partir de uma base sociocognitiva e interacional, pautada na sociolinguística e no funcionalismo. Para isso, os autores

¹ Doutorando em Língua Portuguesa na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor substituto de Língua Portuguesa na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Endereço eletrônico: denniscastanheira@gmail.com.

² Graduanda do curso de Letras (Português-Literaturas) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bolsista PIBIC-CNPQ em Linguística. Endereço eletrônico: raquel_cardoso_brito@hotmail.com.

partem de trabalhos pioneiros acerca da temática, sobretudo os desenvolvidos por William Labov, articulando-os com pesquisas recentes de base funcionalista/ construcionista.

Com exemplificação clara a partir da apresentação de dados e da retomada de trabalhos anteriores sob mesmo enfoque teórico-metodológico do defendido no capítulo, os autores argumentam a favor da mudança sob a ótica sociofuncionalista, ou seja, como fenômeno social, cognitivo e histórico, indo de encontro aos postulados gerativistas de Chomsky. Bagno e Casseb-Galvão defendem, ainda, a manutenção da sociolinguística variacionista (ou laboviana) como um arcabouço teórico bem delimitado e efetivo para análise das línguas, refutando a ideia defendida que essa perspectiva representa apenas um modelo metodológico para outras teorias.

O segundo capítulo, nomeado “O objeto de estudo na interface variação-gramaticalização”, aborda de que maneira a combinação entre pressupostos teóricos da variação linguística e da gramaticalização podem atuar em conjunto na execução da análise linguística. Sendo assim, inicialmente, as autoras definem – de forma clara e precisa – os principais conceitos relacionados à gramaticalização quando definem, baseando-se em Traugott, que “esse processo de mudança envolve um conjunto de alterações pragmáticas, semânticas, morfossintáticas e fonológicas correlacionadas” (GÖRSKY; TAVARES, 2017, p. 36). Logo após, descrevem a metodologia da sociolinguística variacionista e explicam, didaticamente, fenômenos que representam variações linguística.

Segundo as autoras, um dos benefícios dessa interação seria o fato de a gramaticalização auxiliar em questões relacionadas ao período de tempo em que cada forma variante surgiu. Ao mesmo tempo, a sociolinguística variacionista colaboraria para a observação de alterações sutis nos padrões de distribuição linguística e extralinguística dos itens estudados pela gramaticalização. Além disso, Görski e Tavares explicam, minuciosamente, a correlação conceitual entre o princípio da estratificação e a variação linguística e, em seguida, entre domínio funcional e variável linguística. Por fim, baseiam-se em vários estudos linguísticos e estipulam os métodos de análise para quem adota as perspectivas da interação variação-gramaticalização.

No capítulo três, “Totalização da mudança AdjN > NAdj na fala rural goiana”, Tânia Ferreira Rezende e Sinval Martins de Sousa Filho discutem a ordenação sintática do adjetivo em relação ao nome que ele modifica. Os autores alertam que essa variação não implica estigma ou prestígio social, o que permite a discussão de um campo geossocial, sociolinguística e historicamente desprestigiado. A partir de uma análise quantitativa e qualitativa, os autores demonstram que a mudança na ordem AdjN > NAdj já está totalizada, resistindo apenas em estruturas cristalizadas, independentemente de aspectos sociais ou individuais dos informantes.

Os autores defendem, a partir do trabalho de Rezende-Santos, que há três posições para os adjetivos em relação ao Sintagma Nominal: anteposto, anteposto e posposto e posposto. Eles apresentam tabelas e exemplos que fundamentam e deixam mais clara a análise discutida ao longo de todo o capítulo. As principais contribuições desta investigação parecem ser a ampliação da situação de modificação para a situação enunciativa de enunciação e o estudo de um aspecto relacionado à mudança linguística já finalizado utilizando como base a teoria dos espaços mentais.

Já o capítulo “Variação e Gramaticalização de preposições em verbos de movimento” aborda, a partir da perspectiva sociofuncionalista, a variação/mudança que envolve as preposições *a/ para/ em* quando introduzem complemento locativo de verbos de movimento. Partindo desse ponto e apoiando-se em Hopper, os autores discorrem detalhadamente sobre o arcabouço teórico adotado e apresentam uma análise qualitativa e quantitativa acerca dos dados coletados defendendo que “a gramática nunca é produto acabado” (GONÇALVES; WIEDEMER, 2017, p. 96).

Primeiramente, Gonçalves e Wiedemer apresentam um panorama de trabalhos anteriores com a mesma temática – o que colabora para o entendimento posterior das análises apresentadas – e enfatizam a pesquisa de Castilho sobre as funções discursivas das preposições. Posteriormente, os autores elaboram uma descrição detalhada dos possíveis usos das preposições no PB, as características dos verbos de movimento selecionados para a pesquisa e, logo após, apresentam hipóteses relacionadas a fatores linguísticos e extralinguísticos e as diferenças de significados nos usos encontrados dessas preposições. Ao longo do restante do capítulo descrevem, cuidadosamente, a aplicação da metodologia abarcada pelo sociofuncionalismo e expressam os resultados encontrados a partir de suas análises.

No capítulo cinco, “Regularização das relativas de lacuna: motivações em competição”, de Roberto Camacho, há uma extensa discussão acerca do uso das orações relativas. Primeiramente, o autor discorre acerca das possíveis estratégias de relativização tendo em vista estudos tipológicos para, posteriormente, retomando Tarallo, apresentar algumas dessas estratégias no português brasileiro: variante padrão, variante cortadora (ou construção com lacuna), variante copiadora (ou de retenção pronominal) e variante de encaimento de preposição. Posteriormente, são apresentadas as motivações em competição e alguns resultados empíricos das estratégias de relativização ligadas às relações gramaticais. O capítulo ainda apresenta discussões sobre gramaticalização de conectores e de relativas.

De forma geral, Camacho recorre a diversos exemplos para tornar sua exposição mais clara nas subseções mais teóricas do capítulo, o que torna a leitura mais fácil para possíveis

leitores iniciantes. O autor defende, ainda, que as mudanças em relação a alguns processos podem ser divididas em duas motivações competidoras: informatividade e economia. Sua combinação acaba por resultar num paradoxo – alto grau de economia implica baixa informatividade e alta informatividade implica baixo grau de economia – resolvido na língua em uso: “um resultado negativo de informatividade é corrigido com economia e vice-versa” (CAMACHO, 2017, p. 161).

No capítulo seguinte, “Construções subjetivas”, Nilza Barrozo Dias, Jussara Abraçado e Maria Célia Lima-Hernandes discutem, sob aporte teórico do funcionalismo e da linguística cognitiva, a hipótese de que a posição inicial da sentença é o espaço de marcação de atitude do falante e que tal escolha é icônica, ou seja, motivada. As autoras optam por começar o capítulo apresentando as seções subsequentes e demonstrar que a (inter)subjetividade é um conceito amplo e estudado por diferentes perspectivas teóricas, citando autores como Benveniste, Finegan e Lyons. Elas alertam, ainda, para os postulados de Traugott em relação a ausência de uma rígida separação entre sincronia e diacronia e, portanto, entre os processos de (inter)subjetividade e (inter)subjetificação.

A partir de uma escrita clara e de conceituações consistentes, as autoras demonstram que as construções subjetivas podem estar envolvidas com adjetivos psicológicos, evidenciais, avaliativos e de base temporal, sendo necessário observar, ainda, o posicionamento sintático das orações subjetivas. A ausência de constante exemplificação, contudo, dificulta a leitura do capítulo, sobretudo para quem não têm domínio da temática. Mesmo diante dessa problemática, o capítulo consegue cumprir seu objetivo inicial e traz contribuições relevantes, principalmente no que cerne à relação forma e função no discurso, base dos estudos funcionalistas.

No último capítulo da obra, há a tradução de Marcos Bagno de um texto escrito por Michael Tomasello e publicado originalmente em 2005 sobre aquisição da linguagem. O capítulo apresenta, após a devida contextualização, o questionamento da relevância de aspectos fundamentais para os estudos de aquisição em perspectiva gerativa como princípios e parâmetros e pobreza de estímulo. Além disso, o autor traz uma alternativa a essa perspectiva: a consideração de processos cognitivos gerais divididos em leitura de intenção e descoberta de padrão. Por fim, Tomasello apresenta quatro conjuntos de processos: leitura de intenção e aprendizagem cultural, esquematização e analogia, entrincheiramento e competição e análise distribucional de base funcional.

Em suas considerações finais do capítulo, o autor defende que é preciso considerar os aspectos funcionais e cognitivos no estudo da aquisição da linguagem conforme postulam as abordagens baseadas no uso. A proposta do autor, defendida de forma clara e didática, é a

existência de aprendizes de língua com habilidades cognitivas e pragmáticas que superem a perspectiva behaviorista e a perspectiva gerativa. Ou seja, que não se trabalhe com a hipótese da gramática universal e da pobreza de estímulo, mas com os usos que cumpram as funções comunicativas pretendidas. A tradução deste artigo ganha especial relevância diante da ausência de publicações em português acerca da visão sociocognitiva de aquisição, constituindo um necessário passo para popularização dessa perspectiva.

Diante do que expusemos, podemos dizer que a obra aqui resenhada traz importantes contribuições para o estudo da mudança linguística à luz de uma abordagem baseada no uso. Os capítulos apresentados no livro englobam um arcabouço teórico amplo que inclui a interface funcionalismo e sociolinguística, o funcionalismo de Dik e a interface funcionalismo e linguística cognitiva. Além disso, traz dois capítulos teóricos sobre mudança e aquisição de linguagem que, embora não englobem grandes novidades teóricas, trazem, para o português, perspectivas importantes e recentes da linguística. Os estudos de caso apresentados também representam uma importante contribuição, tendo em vista que ilustram o que é defendido, de forma mais ampla, nos capítulos teóricos. A obra, então, constitui um válido e relevante contributo para a linguística e para o mercado editorial brasileiro.

Chegou em: 31-05-2017

Aceito em: 17-06-2017